

IPSIS VERBIS



“DALAI LAMA EM PORTUGAL

> “Oficialmente, Dalai Lama não é recebido por responsáveis do Governo português, como é óbvio.”

Luís Amado, 8 de Setembro

> “A posição portuguesa foi assumida com total clarividência quanto aos interesses [de Portugal] nesta matéria e sem nenhuma pressão de nenhum governo [...] Não vejo nenhuma razão para tanto alarido.”

Luís Amado, 12 de Setembro

> “Como há seis anos, o Estado português hipocritamente põe-se de lado nesta visita de um homem bom, compassivo, pacífico, delicado, culto, sereno, estudioso, defensor de uma purificação espiritual e ética. Um homem que veio em nome da mais honesta ética dos direitos humanos.”

António Bagão-Félix, 12 de Setembro

> “Não quero embaraçar ninguém. A minha visita não é política, é espiritual e para dar ensinamentos. Às vezes tenho uma agenda política [...] mas aqui vim com o meu sorriso. É tudo.”

Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, 13 de Setembro

> “Habitualmente, onde quer que eu vá, as autoridades chinesas fazem pressão.”

Dalai Lama, 15 de Setembro

> “[...] se já nos pomos de cócoras – e não é só Portugal que assim procede – agora que a China é apenas uma potência emergente, como será quando se tornar uma potência global e, possivelmente, a primeira?”

Fernando Madrinha, 15 de Setembro

> “Das relações com Angola às relações com os EUA, das relações com a China às relações com o Zimbabwe de Mugabe, a nossa diplomacia já deixou há muito de ser apenas inútil e irrelevante para se transformar, quando analisada de perto e em muitos casos, num motivo de vergonha nacional. O mais recente episódio com o Dalai Lama [...] não me espanta minimamente. Espantar-me-ia era o contrário.”

Miguel Sousa Tavares, 15 de Setembro

> “Portugal estabeleceu relações diplomáticas com a República Popular da China, e aceitou o princípio de integridade do seu território. Assim sendo, receber o Dalai Lama com honras de Estado seria o mesmo que receber o Batasuna.”

Mário Costa, quadro da Amorim Investimentos, 16 de Setembro

> “É bem maior o prejuízo de não sermos respeitados. Ter princípios, e funcionar de acordo com eles, funciona do ponto de vista político e económico. Somos um país pequeno, se optarmos por ser seguidistas em vez de abraçarmos os nossos princípios é como se não existíssemos.”

Henrique Neto, empresário e militante do PS, 16 de Setembro

“ O TRATADO DE LISBOA

> “Porreiro, pá.”

Sussurro de José Sócrates, após anunciar a obtenção de um acordo para um novo tratado constitucional europeu, 19 de Outubro

> “O problema com este tratado é que ele não resolverá nenhum dos problemas actuais da Europa e criará alguns outros bem complicados.”

José Pacheco Pereira, 20 de Outubro

> “A Europa continuará a produzir arrasadoras directivas sobre as dimensões da gaiola do grilo, mas no essencial nada muda. O ‘eurocepticismo’, apesar da aparente concórdia de anteontem, acabou por ganhar.”

Vasco Pulido Valente, 20 de Outubro

> “Percebo porque tanta gente ri de alegria e prazer. Percebo, mas não compreendo. O monstro acabado de criar não dá motivos para rir. Nem sequer para sorrir. Mas o Dr. Frankenstein também sorria.”

António Barreto, 21 de Outubro

> “A Europa precisava de um acordo rápido e teve-o. A Europa precisava de um sinal de confiança e obteve-o. A Europa precisava de se virar para o futuro e conseguiu-o.”

José Sócrates, no debate do Parlamento Europeu, 23 de Outubro

> “Goste-se ou não, este tratado implica transferências de soberania muito menos significativas do que aquelas que verdadeiramente aconteceram em Maastricht e com o euro. Mas a casa está arrumada por algum tempo e isso é bom.”

Teresa de Sousa, 24 de Outubro

“ PUTIN EM PORTUGAL

> “Poderia ser uma tragédia de Shakespeare. Num castelo, líderes do mundo juntam-se para discutir questões internacionais, e pessoas que vêm de longe gritam ‘assassino, veneno, justiça’.”

Alex Goldfarb, co-autor, com Maria Litvinenko, do livro *A Morte de Um Dissidente*, apresentado em Lisboa na mesma altura da Cimeira UE-Rússia, 25 de Outubro

> “Não sei se estão desejosos de me ver pelas costas.”

Vladimir Putin, referindo-se ao facto de a 20.ª Cimeira UE-Rússia ser a última em que tomou parte como Presidente da Federação Russa, 26 de Outubro

> “Às vezes, quando discutimos com membros da Comissão Europeia, sentimos que estamos a defender mais a Europa do que eles.”

Vladimir Putin, 26 de Outubro

> “Será que vocês também não poderão ter problemas com separatismos na Espanha, na Roménia, ou na Bélgica? Isto para não falar de toda a região dos Balcãs. Para quê estimular o separatismo?”

Vladimir Putin, 26 de Outubro

> “Devo lembrar o que aconteceu numa situação semelhante em meados dos anos 60, em que acções análogas da União Soviética, quando instalou mísseis em Cuba, provocaram a crise dos mísseis de Cuba.”

Vladimir Putin, referindo-se à possível instalação de um sistema antimíssil americano na Polónia, e de um sistema de radar na República Checa, 26 de Outubro

> “Ao invocar a crise dos mísseis de Cuba, Putin regressou à linguagem que melhor conhece: a da intimidação imperial.”

José Manuel Fernandes, 27 de Outubro

> “Os mesmos que criticam a política de Putin poderiam vir a ter saudades dele caso o poder em Moscovo se abrisse aos ideais democráticos próprios do Ocidente.”

Expresso, 27 de Outubro

“ BIRMÂNIA: O PROTESTO DOS MONGES

> “Ultimamente, têm surgido pequenos sinais de que a China está em vias de concluir que a estabilidade da Birmânia requer mudanças. Mas mudanças desencadeadas por protestos de rua não são as mudanças que mais agradarão aos envelhecidos governantes comunistas chineses.”

Timothy Garton Ash, 27 de Setembro

> “Hoje, a Birmânia hesita porque não é, ainda que as estatísticas governamentais o queiram mostrar, tão pobre como o Chade. Os militares constroem o seu ‘ninho’, as famílias favorecidas conseguem juntar dinheiro e outras conseguem-no através da corrupção, de contactos pessoais e da paciência criada com expectativas reduzidas.”

William Barnes, jornalista britânico baseado em Banguecoque, Outubro

> “É muito triste ouvir a Índia, a tão apregoada ‘maior democracia do mundo’, usar a desculpa de não querer interferir nos assuntos internos da Birmânia.”

Kevin Rafferty, jornalista britânico, 2 de Outubro

> “E porque não usarmos o nosso poder nacional para ajudar o povo birmanês na luta contra os seus governantes tiranos? [...] Parte da elite governante deve estar nervosa. Não deveríamos nós dar alguns motivos aos generais e soldados para duvidarem da sensatez dos massacres aos adversários políticos?”

William Kristol, 7 de Outubro

> “A fé representa um papel importante na política sempre que os liberais seculares são impotentes [...]. Os liberais são necessários sempre que há compromissos que têm de ser encontrados, mas não têm a mesma utilidade quando é necessário desafiar a força bruta.”

Ian Buruma, 17 de Outubro

> “Na última década, a Birmânia não se limitou a continuar a ser um embaraço democrático e um desastre humanitário; tornou-se também uma ameaça séria à segurança dos seus vizinhos. A comunidade internacional deve mudar a sua abordagem à Junta Militar que governa o país.”

Michael Green e Derek Mitchell, investigadores do Centre for Strategic and International Studies, Novembro

“ GUERRA DE NERVOS NA TURQUIA

➤ “Embora os preparativos da Turquia para a guerra tenham sido denunciados por George Bush, como é que as ameaças de Ancara divergem das ameaças de Washington ao Irão no que se refere ao alegado apoio militar de Teerão às revoltas antiamericanas no Iraque?”

**Jonathan Steele, editor do *Guardian*,
19 de Outubro**

➤ “O problema curdo tem sido desconfortável para o Iraque e para a Turquia desde a sua emergência como estados modernos, mas foi pouco mais do que uma fúria local – até agora.”

**Dilip Hiro, especialista em temas islâmicos
e autor de *Secrets and Lies:
«Operation Iraqi Freedom» and After*, 22 de Outubro**

➤ “O PKK pretende deteriorar as relações entre os turcos e os americanos. Numa guerra contra a Turquia espera ter a protecção dos americanos tal como os curdos no Iraque tiveram, o que é um erro absoluto. A última coisa que a Administração americana deseja hoje é assistir ao alastrar da guerra do Centro e Sul do Iraque ao Norte.”

Ihsan Dagı, analista turco, 22 de Outubro

➤ “Os turcos têm razões inteiramente válidas para atacar o PKK no Iraque, mas o irredentismo discreto que Ancara vem evidenciando desde a década de 1990 sugere que a Turquia alimenta a aspiração de recuperar antigas propriedades otomanas.”

**Daniel Pipes, director do *Middle East Forum*,
31 de Outubro**

➤ “Apesar de a Sr.^a Rice garantir que a Turquia e os Estados Unidos têm nos militantes curdos um ‘inimigo comum’, a verdade é que a situação actual se pode resumir a um dilema irresolúvel: aquilo que para a América é uma solução – os curdos – para a Turquia é um problema terrível.”

**Norman Stone, historiador britânico radicado
na Turquia, 11 de Novembro**

“ CRISE NO PAQUISTÃO

➤ “Musharraf deve pensar que é tão imprescindível que a América vai aprovar os seus últimos erros.”

**Amir Taheri, comentador iraniano baseado
no Reino Unido, 7 de Novembro**

➤ “Construir uma verdadeira democracia no Paquistão levará uma geração de progresso socioeconómico e de transformações culturais. Entretanto, o país deve ser governado, e o crescimento da ameaça da violência islâmica tem de ser contido.”

Anatol Lieven, 8 de Novembro

> “Os paquistaneses estão nas ruas em protesto contra a violação injusta da democracia pelo general Musharraf. Espero que consigam criar um Paquistão mais livre e democrático. [...] Mas mudar o Paquistão é uma tarefa para os paquistaneses, e a história sugere que quanto mais interferimos, pior tornamos a situação.”

David Ignatius, analista do *Washington Post*, 9 de Novembro

> “O general Musharraf construiu as suas alianças internacionais com base no medo de que o seu sucessor pudesse ser ainda pior. Se isso pode ter sido verdade durante um tempo, agora deixou de o ser. Ele próprio tornou-se um aspecto central da instabilidade paquistanesa.”

***Economist*, 10 de Novembro**

> “Os períodos de transição nunca são tranquilos. Olhamos agora para a Coreia do Sul, Taiwan e o Chile e aplaudimos a sua mudança democrática nos anos de 1980. Mas na altura as mudanças foram complicadas. Se a transição paquistanesa for bem trabalhada, mantendo todas as grandes forças sociais interessadas no seu futuro, o resultado pode ser uma maior segurança e estabilidade. Mal gerida, ela significará o regresso do Paquistão à anarquia, corrupção e extremismo.”

Fareed Zakaria, 19 de Novembro

Citações recolhidas por Carmen Fonseca e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

Daily Star, Economist, Expresso, Guardian, Foreign Affairs, International Herald Tribune, Japan Times, Jerusalem Post, New York Post, Newsweek, Portugal Diário, Prospect, Público, TSF-Online, Today's Zaman News, Wall Street Journal (Europa), Washington Post